



A TÉCNICA COMO FIM DA METAFÍSICA EM HEIDEGGER

Antonio Joel Lima da Silva¹

 <https://orcid.org/0000-0002-5102-3742>

Esmael Teixeira Peniche²

 <https://orcid.org/0009-0007-8190-4958>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2024.4.1.8936>

RESUMO: Este artigo descrever a técnica como o fim da metafísica em Heidegger. Nesse sentido, partiremos de dois momentos: 1) demonstrar-se-á como Heidegger atribui à metafísica a responsabilidade de velar o ser e de impossibilitar a própria questão do sentido do ser; configurando-se, assim, como a história do esquecimento do ser. Por isso, a metafísica teria legado ao *Dasein* uma forma inautêntica de compreensão e interpretação de si e do mundo; 2) a técnica será descrita como a realização da metafísica a partir de dois apontamentos: 1) parte-se da definição do segundo momento do pensamento de Heidegger, denominado por Benedito Nunes como hermenêutica epocal, em que Heidegger buscava nas épocas a verdade do ser, e o universo da técnica seria o atual modo de relacionamento entre o homem e ser. O segundo apontamento traz a necessidade de esclarecer as expressões “superação da metafísica” e “fim da metafísica”, pois, entende-se que a transformação da metafísica na era da ciência moderna não pode ser confundida como uma superação, e sim como uma realização.

Palavras-chave: Técnica. Realização. Superação. Metafísica.

TECHNIQUE AS THE END OS METAPHYSICS IN HEIDEGGER

ABSTRACT: This article describes technique as the end of metaphysics in Heidegger. In this sense, we will start from two moments: 1) it will be demonstrated how Heidegger attributes to metaphysics the responsibility of veiling being and of making the very question of the meaning of being impossible; thus configuring itself as the story of the forgetfulness of being. Therefore, metaphysics would have bequeathed to *Dasein* an inauthentic way of understanding and interpreting itself and the world; 2) the technique will be described as the realization of metaphysics from two points: 1) it starts from the definition of the second moment of Heidegger's thought, called by Benedito Nunes as epochal hermeneutics, in which Heidegger would search in the epochs for the truth of being, and the universe of technology would be the current mode of relationship between man and being. The second point brings the need to clarify the expressions “overcoming metaphysics” and “end of metaphysics”, as it is understood that the transformation of metaphysics in the era of modern science cannot be confused as an overcoming, but rather as an achievement.

¹ Mestrando em Filosofia pela universidade Federal do Pará - UFPA. Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Pará – UEPA. É Professor concursado - SEDUC/PA (Secretaria de Estado e Educação do Pará).

² Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia. Coordenador do Cursinho Popular da Secretaria Municipal de Educação de São Miguel do Guamá.





Keywords: Technique. The end. Resilience. Metaphysics.

INTRODUÇÃO

Trata-se de um debate que descreve a técnica moderna como o fim ou a realização da metafísica a partir de *Ser e Tempo* e dos os escritos de Heidegger em sua segunda fase. Os termos “fim” ou “realização”, serão entendidos aqui como um novo momento de relacionamento entre ser e ente, ou seja, o modo atual em que o *Dasein* se compreende, que, nesse sentido, é técnico. Sendo assim, nossa tarefa é demonstrar como a metafísica tradicional desemboca na era da técnica a partir do desenvolvimento de todo o seu legado. Em outras palavras, defendemos, aqui, que o fim da metafísica ou a sua superação traz consigo a era da técnica, implicando, assim, dizer que o modo em que o ser é compreendido nessa atual constelação entre ser e ente é técnico.

Para esse fim, pretendemos, então, trazer certos esclarecimentos acerca do diálogo entre o filósofo alemão e a história da metafísica, entendida também como a história do esquecimento da diferença entre ser e ente., e a finalidade deste debate introdutório é um esclarecimento prévio de como o ente foi privilegiado em detrimento do ser, e isso corresponde diretamente na prevalência do fenômeno e da(s) técnica(s) que possibilitam a sua compreensão. Isto é, a necessidade de compreensão do ente faz com que a metafísica tradicional concentre seus esforços nas técnicas ou modos de compreensão dos fenômenos, arremetendo, então, cada vez mais o ser ao esquecimento.

Isso pressuposto, lançar-se-á um olhar sobre o pensamento de Heidegger como um todo, defendendo uma certa unicidade entre os “Heideggers” I e II. Pensar nessa unicidade ajudar-nos-á a demonstrar como a metafísica perpassa todo o projeto filosófico de Heidegger, quer na analítica do *Dasein* - primeira fase -, quer na hermenêutica epocal - segunda fase, assim nomeada por Benedito Nunes (2012).

Nesse sentido, partiremos de dois momentos: 1) demonstrar-se-á como Heidegger atribui à metafísica a responsabilidade de velar o ser e de ter impossibilitado a própria questão do sentido do ser em geral; configurando-se, assim, segundo Heidegger, como a história do esquecimento do ser. Por isso, o esquecimento da diferença entre ser e ente ocasiona,



também, a obstrução e o desuso da questão do ser em geral. Ora, nessa perspectiva, o esquecimento do ser nada mais é do que a tentativa de explicar o ser atribuindo-lhe status de ente. Isso é, a história da metafísica é a história do naufrágio do ser e prevalência do ente. Por isso, a metafísica teria legado ao *Dasein* uma forma inautêntica de compreensão e interpretação de si e do mundo que, segundo Heidegger, necessita ser desconstruída.

No segundo momento deste artigo, a técnica será descrita como o fim da metafísica a partir de dois apontamentos: o primeiro apontamento parte da definição do “Heidegger II”, denominado por Benedito Nunes como hermenêutica epocal, em que Heidegger buscaria nas épocas a verdade do ser, e o universo da técnica seria o atual modo de relacionamento entre ser e homem. O segundo apontamento traz a necessidade de esclarecer as expressões “superação da metafísica” e “fim da metafísica”, pois, entende-se que a transformação da metafísica na era da ciência moderna não pode ser confundida como uma superação, e sim como uma realização.

Posto isso, a descrição do método filosófico de Heidegger – que ele mesmo nomeia como passo de volta – é decisivo para compreender a distinção entre as expressões “superação da metafísica” e “fim da metafísica”. O passo de volta torna-se decisivo a partir de seu procedimento que, segundo Heidegger, é um retorno à metafísica, mas não possui o intuito de permanecer nela. O passo de volta da metafísica busca pensar o impensado pela filosofia, então é um sair para fora da metafísica. Assim, o impensado é a essência da metafísica que nos dá, ao mesmo tempo, a necessidade de superá-la, pois sai da metafísica (seu fim) e alcança sua essência, descrita por Heidegger como a técnica moderna. Ora, a técnica é o fim da metafísica no momento que a metafísica desemboca a era da técnica, sinalizando, com isso, que a metafísica ainda perdura, mas de forma realizada na técnica, reafirmando a necessidade de sua superação.

1 A TRADIÇÃO METAFÍSICA COMO VELAMENTO/ESQUECIMENTO DO SER

No texto *Que é isto – a Filosofia*, Heidegger relaciona a história da filosofia com a história do ser. Ou mais precisamente, com a história da pergunta pelo ser do ente. Nessa perspectiva, a história da Filosofia pode ser entendida, segundo Heidegger, a partir da compreensão de



como o pensamento ocidental se relacionou com o ser; relacionamento esse, denominado pelo filósofo como a história da metafísica. (HEIDEGGER, 1973)

Sendo assim, para Heidegger, a história da metafísica deve ser datada a partir da filosofia antiga até a filosofia contemporânea, isto é, de Parmênides a Nietzsche (COCCO, 2006, p. 34). Heidegger também chama a história do pensamento ocidental como ontologia antiga, e diz que sua principal característica, enquanto ontologia, é buscar a compreensão e explicação do ser. (HEIDEGGER, 2005)

Desse modo, Heidegger, em *Ser e Tempo*, ressalta o esquecimento e o trato negligente promovidos pela tradição à questão do ser. Assim, o filósofo atribui à ontologia antiga o esquecimento da principal questão da filosofia – ora, foi esta questão que deu folego às investigações de Platão e Aristóteles, isso antes de ser emudecida e cair no esquecimento (HEIDEGGER, 2005, p. 27), esta questão não é outra senão a questão do ser. Por isso, o primeiro momento deste artigo tentará esclarecer como se deu este processo de encobrimento/velamento do ser pela metafísica tradicional, para depois demonstrar como, para Heidegger, a tradição metafísica tem seu fim na técnica.

Nesse sentido, apresentaremos alguns apontamentos que indicam como Heidegger questiona e critica as investigações ontológicas acerca do ser efetuadas pela tradição metafísica. Primeiramente, é necessário compreender como se deu a relação crítica que Heidegger estabelece com a tradição metafísica, a partir das seguintes palavras:

Para além de apropriações superficiais, percebe-se o quanto é intrincada a relação de Heidegger com a história do fluxo pensante que desemboca nos presentes impasses. Pois se a idéia de uma destruição (*Destruktion*) da história da ontologia, enunciada em *Ser e tempo* (Heidegger 1927, § 6), pode ser entendida como projeto de superação de um legado que se revelou obstrutivo, mais ou menos nos moldes de uma limpeza de terreno para o cultivo, ao seu tempo, de sementes por algum motivo deixadas de lado. (LYRA, 2003, p. 5-6)

Para Lyra (2003), a relação de Heidegger com a tradição desemboca em impasses que resultam em uma grande mudança ou, por assim dizer, uma quebra de paradigmas dentro do pensamento metafísico ocidental. Essa quebra de paradigma, na verdade, é nomeada pelo próprio Heidegger no § 6 de *Ser e Tempo* como “desconstrução” (*Destruktion*) da história da ontologia. A desconstrução como procedimento do método fenomenológico de Heidegger requer alguns esclarecimentos. Sobre o termo Drucker e Braidia (2001, p. 360) dizem que



O termo “desconstrução” foi colocado em circulação nos últimos trinta anos por Derrida, mas o impulso para esse debate saiu do famoso parágrafo 6 de *Ser e tempo*, em que Heidegger expõe a “tarefa da desconstrução da história da ontologia”. O termo empregado é *Destruktion*, que não deve ser entendido como “destruição” no sentido de aniquilamento e supressão, mas como exposição das “experiências originárias” [...].

Sobre o que seria a desconstrução, Ernildo Stein (2008, p. 61) diz:

A desconstrução [destruição] é realizada desde o interior da metafísica. É por isso que ele falará em superação da metafísica e adentramento da metafísica. Essa superação e adentramento significa, ao mesmo tempo, refazer a construção com que a metafísica trabalhava ao se auto-expor nos textos da história da Filosofia. Ao mesmo tempo, significa perceber que nisso em que ela se auto-expõe, segundo Heidegger equivocadamente, existe, entretanto, o não pensado, o encoberto que pode ser manifestado, no qual temos de nos afundar e nos aprofundar quando queremos fazer a desconstrução da metafísica.

A desconstrução, então, não pode ser simplesmente entendida como pôr em ruínas ou o aniquilamento dos conceitos engendrados na tradição (DRUCKER; BRIDA, 2001). Desconstruir (ou destruir) em Heidegger significa superação daquilo que ela mesma expôs enquanto história do ser. Nesse caso, o exposto pressupõe um caminho de retorno, e este caminho permite Heidegger pensar aquilo que por ela foi encoberto ou impensado, ou seja, ela dá acesso às experiências originárias que, ao mesmo tempo, são as possibilidades de um novo pensamento. Ora, então, a destruição, na verdade, é um reconstruir. (STEIN, 2008)

Podemos, então, dizer que esse é o centro hermenêutico operacional de todo mover-se de Heidegger – ou o seu *modos operandi* –, pois, destruir a história da tradição metafísica requer um grande trabalho e esforço; e essa tarefa só pode ser feita através de um diálogo com os construtores/pensadores da história em questão. Sendo assim, a desconstrução proposta por Heidegger no § 6 de *Ser e Tempo*, também pode ser entendida como uma re-apropriação dos grandes sistemas filosóficos (NUNES, 2016, p. 83); e, por isso, deve ser tomada como ponto central das discussões metodológicas heideggerianas, principalmente para o entendimento do projeto ontológico fundamental em *Ser e Tempo*.

Outrossim, a destruição requer um diálogo com a história da tradição metafísica, e, por essa razão, é preciso atentar de forma tácita para alguns escritos de Heidegger - que fazem parte de um seleto acervo de conferências ministradas nos anos 50 - e para *Ser e Tempo*, sua *maximum opus*. Os escritos são: *A Constituição Onto-teológica da Metafísica, Que é isto – a*



Filosofia, Identidade e Diferença e *A questão da Técnica* (entre outros). Em todos esses escritos e conferências predomina o diálogo com a tradição, no intuito de promover a destruição da história da metafísica – como já foi visto anteriormente. No entanto, usaremos apenas *Ser e Tempo* para apontar como se dá o processo de desconstrução heideggeriano a fim de demonstrar, também, como o ser foi velado na tradição. Para tanto, partimos do pressuposto de que descrever como se dá o velamento do ser, assim como tudo que envolve esse esquecimento - isto é, o legado da tradição -, sempre terá como pano de fundo o movimento desconstrutivo de Heidegger.

Posto isso, analisaremos um dos sintomas do velamento do ser. E, para tal análise, usaremos as palavras do próprio Heidegger quando diz que [...] a pre-sença [*Dasein*] também de-cai em sua tradição, apreendida de modo mais ou menos explícito. A tradição lhe retira a capacidade de se guiar por si mesma, de questionar e escolher a si mesma. (HEIDEGGER, 2005, p. 49)

O velamento do ser, aqui, é entendido a partir do apontamento feito por Heidegger que coloca a tradição como uma herança ou um legado – deixado ao *Dasein* - impossibilitador de uma autêntica compreensão e interpretação de si mesmo. Acerca da impossibilidade compreensiva/interpretativa legada pela tradição ao *Dasein*, Heidegger diz:

A tradição assim predominante tende a tornar tão pouco acessível o que ela “lega” que, na maioria das vezes e em primeira aproximação, o encobre e esconde. Entrega o que é legado à responsabilidade da evidência, obstruindo, assim, a passagem para as “fontes” originais, de onde as categorias e os conceitos tradicionais foram hauridos, em parte de maneira autêntica e legítima. A tradição até faz esquecer essa proveniência. Cria a convicção de que é inútil compreender simplesmente a necessidade do retorno às origens. (HEIDEGGER, 2005, p. 49-50)

Esta proposição esclarece o posicionamento de Heidegger acerca do papel da tradição, pois segundo o filósofo, ela tornar inacessível ao *Dasein* a compreensão de si através do acesso às fontes originárias criadoras de toda base conceitual que sustenta o pensamento filosófico. Além disso, para Heidegger, ao obstruir o caminho para as fontes originárias, onde os conceitos formam formados, a tradição também fez esquecer a necessidade de retorno a essas fontes. Em outras palavras: ao *Dasein* estaria impossível de compreender-se enquanto tal – enquanto ser-aí -, e também estaria negado a ele um caminho possibilitador dessa compreensão.



Esse legado, que nega um caminho de auto-compreensão originário, e faz o *Dasein* esquecer a necessidade de questionar a sua própria história é também, da mesma forma, o que põe a questão do ser em desuso, pois a principal característica do legado tradicional é o encobrimento. Esse é o motivo pelo qual, “em *Ser e Tempo*, Heidegger se ocupa do que permaneceria oculto nos modos originários do *Dasein*”. (VANN, 2015, p. 03)

Assim, a partir deste ponto já estamos considerando o legado deixado ao *Dasein* pela tradição como o velamento da questão do ser – o que segue, então, é um esclarecimento desse processo velador e, em seguida, (como parte do processo de desconstrução) descreveremos como Heidegger desobstrui o caminho para se recolocar novamente a questão do ser. Por isso, os próximos passos deste trabalho tentarão dar conta de elencar com clareza os motivos apresentados por Heidegger em *Ser e Tempo* para que, na tradição, a questão do sentido do ser entrasse em desuso ou, como diz Heidegger, torna-se uma questão evidente, e tão evidente ao ponto de não ser mais considerada digna de ser uma questão problema, conforme podemos observar:

No solo da arrancada grega para interpretar o ser, formou-se um dogma que não apenas declara supérflua a questão sobre o sentido do ser como lhe sanciona a falta. Pois se diz: “ser” é o conceito mais universal e o mais vazio. Como tal, resiste a toda tentativa de definição. Esse conceito mais universal e, por isso, indefinível prescinde de definição. (HEIDEGGER, 2005, p. 27)

Desse modo, tem-se pelo menos três aspectos ou características apontadas por Heidegger e atribuídas à tradição como obstrutores da questão do sentido do ser, quais sejam: universal, vazio e indefinível. Pois bem, trabalharemos no esclarecimento dessas características e, ao mesmo tempo, tentaremos demonstrar como o esquecimento da questão do sentido do ser desemboca na falta de compreensão identitária do que é o homem. E a partir disso, relacionar o esquecimento do ser com a relação do homem e a técnica, partindo da compreensão da técnica como o resultado do legado da tradição metafísica; legado esse (a técnica) que só se torna livre dos limitadores históricos e preconceituosos a partir da sua “destruição”.

Ora, no § 1 de *Ser e Tempo* Heidegger (re)afirma os preconceitos que fizeram da questão do ser obsoleta, dizendo assim: “O conceito de “ser” é indefinível. Essa é a conclusão tirada da sua máxima universalidade.” (HEIDEGGER, 2005, p. 29) Com esta proposição, porém, o



filósofo não quer reforçar os preconceitos tradicionais impostos ao ser, ao contrário, ele está pondo estas características em destaque para promover, logo em seguida, uma desconstrução hermenêutica dos seus sentidos tradicionais, ou seja: desobstruir e recolocar a questão do ser.

Vejamos como Heidegger, então, retrata a forma em que o ser foi pensado pela tradição, para depois compreender como o filósofo avança na sua desobstrução:

A “universalidade” do “ser”, porém, não é a do gênero. “Ser” não delimita a região suprema do ente, pois esse se articula conceitualmente segundo gênero e espécie [...] A universalidade do ser transcende toda universalidade genérica. [...] A unidade desse universal transcendente frente à variedade multiforme dos reais mais elevados de gênero foi entendida já por Aristóteles como unidade da analogia. Com essa descoberta, Aristóteles colocou numa base nova o problema do ser, apesar de toda a dependência da questão ontológica de Platão. No entanto, ele também não esclareceu a obscuridade desses nexos categoriais. A ontologia medieval discutiu variadamente o problema, sobretudo nas escolas tomistas e escotistas, sem, no entanto, chegar a uma clareza de princípio. E quando por fim, Hegel determina o “ser” como o “imediatamente indeterminado” e coloca essa determinação à base de todas as posteriores explicações categoriais de sua Lógica, ele ainda permanece na mesma direção da antiga ontologia com a diferença de que abandona o problema já colocado por Aristóteles da unidade do “ser” face à variedade multiforme das “categorias” reais. (HEIDEGGER, 2005, p. 28-29)

Nesse trecho de *Ser e Tempo* Heidegger demonstra claramente como era tratada a questão do sentido do ser pela ontologia antiga e, de certa forma, por todo percurso da filosofia até a contemporaneidade. Heidegger demonstra mais que isso ao evidenciar, também, o não avanço – em termos de direcionamento - da questão; e mesmo com todos os esforços dos grandes filósofos, pouco se diferenciou dos primeiros pensadores as posteriores explicações levantadas sobre o ser.

Sendo assim, para Heidegger (2005), a volta à questão sobre o sentido do ser é mais do que um capricho hermenêutico, ao contrário: é uma necessidade. É necessário retornar à questão do ser para libertá-la do legado imposto pela própria história do ser, ou ao menos da forma como ela nega o acesso às fontes originárias. Para obtermos, portanto, um melhor clareamento de como a tradição velou a questão do ser, deveremos analisar, então, as três principais características que tornaram a questão emudecida.

A primeira característica é a universalidade do ser. Segundo Guimarães (2014), nela reflete e transparece ao mesmo tempo toda a problemática que envolve a complexidade desta questão. Da mesma forma, a universalidade também traz consigo as duas outras características apontadas por Heidegger como obstrutoras e pivôs do seu esquecimento, a



saber: a indefinibilidade e o vazio da questão do ser. Pois “[...] a universalidade do conceito ‘Ser’ abarca tamanha amplitude que o seu significado resulta vago, indeterminado, uma mera palavra vazia, condenando previamente ao fracasso todas as investigações que ousem apreender seu sentido” (GUIMARÃES, 2014, p. 52).

Diante disso, admitir a universalidade do ser, significa, admitir a impossibilidade de se avançar na questão do seu sentido, certo? Para Guimarães não é bem assim, pois admitir a universalidade, indefinibilidade e o vazio do ser consiste apenas em admitir a própria insuficiência do modo metafísico/representativo de explicar as coisas, por esse motivo,

[...] devemos evitar qualquer precipitação e considerar a possibilidade do mencionado naufrágio da questão não estar nela mesma, mas sim na nossa insistência em refleti-la num âmbito em que ela própria já clama por ultrapassar. Realmente, rotular a situação atual da investigação usando os termos determinado-indeterminado, significa atender a uma pretensão desesperada do pensamento representativo de ainda sentir-se no direito de ditar as regras do pensar. Muito antes de deixar-se recolher nas malhas da representação, numa *aporia* entre o determinado e o indeterminado, a questão do sentido do Ser já se anuncia numa determinação ímpar; uma determinação que escapa ao restrito âmbito conceitual. Desta forma, não é bem a questão que naufragou, mas sim o próprio pensamento representativo que sucumbiu ao encontrar seus próprios limites, ao deparar-se na esfera onde vigora um pensamento originário, um pensamento que pensa a experiência iluminadora, instauradora de sentido; pensamento que pensa não como um poder de teorizar sobre a experiência como se esta fosse um objeto. (GUIMARÃES, 2014, p. 80)

O esquecimento da questão do ser não significa que nela estava o motivo de tal esquecimento acontecer. Para Guimarães, tal o naufrágio da questão só evidencia que devemos deixar de tentar respondê-la pela via da representatividade. Pois, na representatividade há uma tendência determinista de apontar a causa e o efeito de algo – ou seja, para explicar algo se necessita de um ponto referencial manifesto. Assim, o erro metafísico está na tentativa de rotular, mostrar, e objetificar o ser. Abandonar o modo representativo passa a ser, sem dúvidas, uma maneira de burlar a *aporia* do determinado-indeterminado, e reconduzir ou redirecionar a questão do ser; pois a complexidade da universalidade do ser recebe, com isso, um ponto final, e um novo horizonte compreensivo se abre a partir da volta às fontes originárias e da sua destruição promovida por Heidegger.

Por essa razão, Heidegger volta à questão do ser como um modo de remissão da própria filosofia, já que Heidegger ergue seu pensamento através de um diálogo com o pensamento filosófico/metafísico. Em outras palavras, a volta à questão do ser é a maneira



metodológica e necessária que Heidegger encontra para trazer à tona a questão do ser enquanto questão principal; e, ao mesmo tempo, como questão que, uma vez liberta do legado tradicional, instaura um modo autêntico de autocompreensão do *Dasein*.

Sendo assim, diante desses argumentos que, como foi visto, colocam a tradição como principal âmbito onde ocorreu o esquecimento da questão do sentido do ser. Como poderíamos, entretanto, relacionar o legado da tradição metafísica à questão do sentido do ser em geral e seu esquecimento - como forma de compreender tudo que até aqui foi debatido?

Em vista disso, tem-se dois aspectos que podem nos ajudar na síntese de nossa discussão e a relacionar o legado da tradição ao esquecimento do ser: 1) a falta de um retorno às origens, como afirma Heidegger, faz o homem não desenvolver a necessidade hermenêutica de compreensão e interpretação de si e de sua história, negligenciando, com isso, não só às origens filosóficas, mas a sua própria origem; 2) ora, se o *Dasein* possui essa capacidade de compreensão e interpretação de si, e mesmo assim não consegue compreender-se de forma autêntica só pode ser por causa do legado a ele imposto.

Sendo assim, relacionaremos a questão do ser à tradição da seguinte forma: o legado deixado pela Tradição impossibilitou o homem de compreender-se e de interpreta-se e, ao mesmo tempo, de avançar nos questionamentos de si próprio e do mundo, isto é, do seu ser e do ser dos entes intramundanos que com ele encontram-se no mundo. Em outras palavras: a compreensão de homem na tradição nega a compreensão de seus modos de ser mais próprios, entendidos a partir de sua essência ser-no-mundo.

Pois, conforme diz Seibt (2017), no âmbito da tradição, havia uma compreensão dualista entre o homem e o mundo, pois, o homem se via fora dele. Isso é assim porque a tradição “[...] é um modo de compreender o mundo a partir do modo de ser dos objetos disponíveis e enquadrados numa lógica linear e que permite controle e previsibilidade de tudo.” (SEIBT, 2017, p. 339-340). O conceito de mundo, então, é outra forma de compreensão negada pela tradição, pois, se o homem se vê fora dele, e o mundo assim seria apenas um lugar onde as coisas se apresentam, logo, ao próprio homem (enquanto *Dasein*) seria impossível de compreender-se como um ser-no-mundo.



Consequentemente, Heidegger descreve a tradição metafísica - e seu legado - como um âmbito epistemológico que tentou explicar o ser do homem e do mundo a partir de uma compreensão ontológica (ontologia da coisa) objetificante do ser e como resultado suprimiu-o em função do ente. Esse é o motivo pelo qual Heidegger toma a metafísica tradicional como ponto de volta necessário para a libertação da compreensão existencial do homem, a partir da destruição de seu legado.

Dessa forma, para compreender essa relação entre legado e o esquecimento da questão do ser, é inevitável admitirmos a importância do processo ontológico metafísico para a formação do homem – ou seja: a maneira em que o homem comportou diante do mundo, interpretando-o e exaurindo conhecimento. Essa importância pode ser observada nas seguintes palavras:

Heidegger, ao ir ao fundamento do pensamento metafísico pretende enxergar por entre a penumbra de quase vinte e cinco séculos de especulação metafísica sobre a experiência essencial do homem. Essa disciplina, por carregar algo de tão essencial em sua constituição, a saber, a resposta do ente humano diante do assombro da existência, logo requisita para si a autoridade de fundamentar as outras experiências humanas, modos do homem ser no mundo. Por este motivo, a metafísica se mostrou como o discurso que historicamente propôs o fundamento da coisas, sejam elas: a relação entre os homens (a ética e a política); o conhecimento seguro (a filosofia e a ciência); o sentido do mundo (a arte e a religião), etc. Ou seja, se preocupou em dizer, afinal, o que é homem, mas de forma cindida, perdido em meio ao ente. Nesse turbilhão de interpretações, a metafísica esqueceu que seu nascimento está condicionado à experiência do homem enquanto existência que pergunta pelo ser. (SCHIOCHETT, 2015. p. 01-02)

Schiochett (2015), lista os principais temas abordados pela Metafísica e que, da mesma forma, faziam dela, a principal área do conhecimento, ou ao menos a área que tentou abranger o todo da existência do homem através de, como diz Schiochett (2015), séculos de especulação.

Então temos dentro do conhecimento tradicional metafísico a base conceitual/especulativa que moldou e formou o pensamento filosófico/ocidental e todo conhecimento de mundo e do homem (como visto acima: a metafísica formulou respostas para todas as possíveis relações do homem com o mundo, seja no campo religioso - homem e Deus, ou homem e sua origem -; no campo ético – relação entre os homens -, e no campo do conhecimento seguro – filosofia e ciência) (SCHIOCHETT, 2015), pois, consigo a tradição



buscou explicar o fundamento das experiências do homem; isso implica a questão do ser já que existência, para Heidegger, diz também o modo como o homem acontece e é no mundo.

Posto isso, a importância da tradição metafísica está externada e devidamente definida, mas ainda necessita de alguns levantamentos, uma vez que, para Schiochett (2015), ela é o fundamento que busca abarcar o todo da existência humana. Assim sendo, continuaremos com algumas constatações acerca de sua importância:

Heidegger acredita ser possível revelar a constituição essencial do homem ocultada pela própria metafísica. Todavia, isso não pode ser feito recorrendo a um expediente exterior à determinação metafísica da própria essência do homem. Qualquer solução supostamente exterior à metafísica corre o risco de ser ingênuo por não perceber que também nascera das entranhas da metafísica ocidental. Revelar a essência do homem só é possível na medida em que a própria metafísica seja desconstruída. Sob os escombros metafísicos, a essência do homem aparece não como algo preexistente à metafísica e à história ocidental, mas como essência que se escolhe no próprio fazer metafísico. (SCHIOCHETT, 2015. p. 01-02)

Com isso, Schiochett deixa claro ser na metafísica que se constitui a busca das investigações concernentes à essência do homem; confirmando, assim, não somente a sua importância para o curso e formação do pensamento ocidental, como, também, para a identidade de todo conhecimento engendrado após a sua ascensão.

Diante disso, a volta à tradição metafísica como âmbito do conhecimento que guarda as fontes das experiências originárias está devidamente justificada; entretanto, outros argumentos que comprovam a importância da volta à tradição e, da mesma forma, da sua desconstrução, são os seguintes:

O estudo da tradição ocidental tem um papel importante para Heidegger. Não serão as disciplinas ônticas que dirão quem é o homem. Para Heidegger, estas disciplinas já são desdobramentos de decisões metafísicas e, por isso, é necessário mergulhar na própria metafísica a fim de dizer qual é a essência do homem. Mas a metafísica é essencialmente o terreno em que se desenvolveu a nossa compreensão do ser em geral e não apenas do ser do homem. Como entender, então, a frase do filósofo que afirma que qualquer doutrina do ser é já em si mesma uma doutrina sobre a essência do homem"? Este é o papel da desconstrução da metafísica operada por Heidegger. Heidegger busca na tradição que se pergunta pelo ser as raízes da nossa própria compreensão de homem. Se a metafísica, ao pensar o ser também pensa o homem, a desconstrução daquela abre possibilidades de compreender o homem mais originariamente. A destruição heideggeriana tem o objetivo de remover, ou melhor, repensar os pressupostos que usamos toda vez que nos perguntamos pelo homem. (SCHIOCHETT, 2015. p. 02-03)



Schiochett, então, possibilitou-nos esclarecer algumas coisas: 1) a importância que a tradição metafísica desempenhou na formação do caráter ontológico humano e intramundano; 2) a tradição dá, também, início às investigações acerca do ser enquanto tal; 3) a relação entre o legado da tradição metafísica herdado pelo *Dasein* e a questão do ser colocam a tradição como a principal fonte do conceito de homem engendrado no decorrer da história do pensamento no Ocidente; 4) o fato de Heidegger considerar insuficiente a compreensão e interpretação do homem dentro do âmbito da tradição metafísica faz com que o retorno às fontes ontológicas/metafísicas seja uma necessidade para que, 5) o homem liberte-se dos moldes tradicionais e obtenha, a partir da desconstrução da história da ontologia antiga, uma melhor compreensão e interpretação de si e dos fenômenos ao seu redor, e 6) isso justifica a desconstrução hermenêutica promovida por Heidegger em seus diálogos com a tradição, confirmando que é na tradição que o ser, enquanto questão problema, é velado; e, dessa forma, retornar à tradição e retomar à questão do ser é rever (destruir) os fundamentos do que o homem é para repensá-los. O que devemos trabalhar agora é em demonstrar como a metafísica ao velar o ser, acaba remetendo nossa atual compreensão de mundo para a era da técnica.

2 A TÉCNICA COMO O REALIZAÇÃO DA METAFÍSICA

A questão do sentido do ser em geral mostrou-se de tamanha importância para Heidegger que *Ser e Tempo*, ele fez dela um caminho hermenêutico para discutir outras questões tão importantes quanto a própria questão norteadora de *Ser e Tempo*.

Dessa forma, podemos considerar que a seção anterior serviu como momento propedêutico para uma possível entrada na questão da técnica. Ainda é necessário, entretanto, esclarecer como o ser pode ser compreendido enquanto manifestação do ente através da técnica? A resposta a essa pergunta pode ser encontrada através de uma outra pergunta: como poderíamos pensar o ser do homem (*Dasein*) nesta atual constelação de ser e pensar? Ou seja: qual seria o modo de ser do homem que mais lhe define enquanto ser existente nesta atual época?

Considerando que Heidegger em *Ser e Tempo* empreende uma analítica existencial dos modos de ser do *Dasein* - ou seja, o filósofo analisa características indissociáveis à maneira em



que o *Dasein* acontece em seu modo mais original. Nesse caso, as perguntas feitas acima resumem-se da seguinte forma: o que, hoje, seria um modo de ser ontológica-existencial intrínseco ao modo de ser do *Dasein*; podendo ser, por essa razão, considerado um modo existencial deste ente? A resposta para essa e para as outras perguntas anteriores é, segundo o próprio Heidegger: a técnica (a técnica será descrita como o acabamento da metafísica, contudo, para esse fim, entendemos ser necessário demonstrá-la como a atual forma em que o ser se manifesta, isto é, o legado da tradição desemboca na técnica e por isso Heidegger entende que o atual modo de manifestação do ser se dá pela técnica). Nesse caso, buscar-se-á compreender como a técnica pode ocupar este tão importante lugar a partir de algumas referências.

Nossa primeira referência será Critelli (2002, p. 83), quando diz que a técnica surgiu como uma tendência natural do homem, guiando-lhe pelo caminho da ciência no intuito de dominar a natureza e tudo o mais que nela se manifesta e existe, conforme segue:

Há 2.400 anos a civilização ocidental começou a se constituir e modelar o seu destino projetando-se sobre a crença de que o papel do homem no universo era o do domínio sobre o ente: o mundo, todas as coisas que nele se apresentam e o próprio homem. Um domínio que principia com o trabalho do intelecto em definir o existente (Aristóteles) e se alastra para todo o agir humano. Essa tendência, desde a modernidade, tem sua mais plena expressão e acabamento na técnica. A essência da técnica é a essência e o destino do Ocidente.

As palavras de Critelli (2002) dizem que nestes dias atuais a técnica, não só esteve presente nos modos e maneiras de relacionamento do homem, como, também, mostrou-se parte intrínseca de nosso modo de ser:

A técnica, em companhia da ciência, da alocação da arte no campo da estética, da transformação do fazer humano em cultura e da desdivinização da existência, é um fenômeno em que se expressa um modo-de-ser da nossa ocidentalidade, sua tendência fundamental. [...] A técnica é, essencialmente, uma modificação sui generis do fazer ou do agir humano. (CRITELLI, 2002, p. 84)

Para Critelli (2002), então, a técnica não é apenas um produto instrumental qualquer sobre a qual o homem deve sentir-se orgulho de tê-la criado, ao contrário, ela configura-se como um existencial do *Dasein*. Não há dúvidas que podemos assim denominar a técnica neste momento, já que, como Critelli (2002, p. 84) diz: a técnica “é um fenômeno em que se expressa um modo-de-ser da nossa ocidentalidade, sua tendência fundamental”, e, enquanto modo-de-ser que nos é próprio, é compreensível de ser chamada de um existencial.



Destarte, a proposições de Critelli (2002), permite-nos vislumbrar a pretensão deste trabalho, isto é, demonstrar como a técnica enquanto o acabamento da metafísica é a expressão do ser do homem que, hoje – acima de qualquer época -, manifesta-se de maneira técnica.

Acerca da técnica enquanto modo de ser do homem, Heidegger apud Critelli diz:

Se pensarmos a técnica a partir da palavra grega *téchne* e de seu contexto, técnica significa: ter conhecimentos na produção. *Téchne* designa uma modalidade de saber. Produzir quer dizer: conduzir à sua manifestação, tornar acessível e disponível algo que, antes disso, ainda não estava aí como presente. Este produzir, vale dizer o elemento próprio da técnica, realiza-se de maneira singular, em meio o Ocidente europeu, através do desenvolvimento das modernas ciências matemáticas da natureza. Seu traço básico é o elemento técnico, que pela primeira vez apareceu, em sua forma nova e própria, através da física moderna. Pela técnica moderna é descerrada a energia oculta na natureza, o que se descerra é transformado, o que se transforma é reforçado, o que se reforça é armazenado, o que se armazena é distribuído. As maneiras pelas quais a energia da natureza é assegurada são controladas. O controle, por sua vez, também deve ser assegurado. (2002, p. 84)

Para Heidegger, a característica essencial da técnica é a sua capacidade de conduzir o homem à produção de coisas. Isto é, a técnica é responsável em conduzir o homem à manifestação daquilo que outrora estava oculto e, em outras palavras: tornar acessível aquilo que antes de sua criação não estava presente. A vigência das coisas, portanto, é de responsabilidade da técnica. Entretanto, é necessário esclarecer que não se visa aqui trazer um debate acerca da essência da técnica, ou de sua instrumentalização, tampouco não é nosso objetivo lançar luz sobre o que é técnico ou não. Reafirmamos: objetiva-se aqui descrever a técnica como acabamento da tradição metafísica.

2. 1 A hermenêutica epocal

Para compreensão de como pretendemos relacionar o ser do *Dasein* à técnica, será necessário antes, demonstrar como Heidegger interpreta o ser a partir das épocas, movimento esse que Benedito Nunes (2012, p. 227) nomeia como hermenêutica epocal:

A fenomenologia hermenêutica com que deparamos em *Ser e Tempo* é uma interpretação do *Dasein* em si mesmo e por si mesmo, que, contra a tendência desse ente ao disfarce e ao encobrimento, desoculta-lhe o ser. Não há dúvida que se pode encontrar o mesmo traço de apreensão do não-aparente na hermenêutica epocal, se considerarmos que cada época é circunscrita como uma determinação do ente. Época equivale a uma *epoché*, a uma retração do ser em proveito do ente: *eidos* platônico, *ousia* aristotélica, sujeito cartesiano como *res cogitans*, metamorfoseado



em vontade no idealismo germânico e, finalmente, em vontade de potência no pensamento nietzschiano.

Para Nunes, as épocas, assim como a dupla manifestação do ser, possuíam um caráter interpretativo de manifestação do ser do ente – ou “retração do ser em proveito do ente” (NUNES, 2012, p. 227). Nesse caso, as próprias épocas ou os seus aspectos quer históricos, quer filosófico representavam, em si, a manifestação e retração do ser. A partir desse aspecto, pode-se perceber que Nunes faz observações comparativas e análogas entre os momentos da fenomenologia heideggeriana; ele diz que os traços dos dois momentos da filosofia de Heidegger, chamados convencionalmente de “Heidegger I” (hermenêutica do *Dasein*) e “Heidegger II” (hermenêutica epocal), possuem confluências metodológicas.

Assim, mesmo que para outros comentadores e leitores de Heidegger exista inegavelmente uma reviravolta em seu pensamento - como pensa, por exemplo, Batista (2017), ao afirmar que o segundo Heidegger trata de empreender na filosofia uma reviravolta copernicana a partir de um pensar existencial para um “historial” – sua filosofia segue com o ser enquanto principal questão.

Diante dessas argumentações, defenderemos um aspecto unívoco que ligue esses dois momentos de Heidegger tão comentados e explorados pela comunidade acadêmica e filosófica. Nosso ponto unificador é a questão da técnica. Não estamos buscando argumentos para dizer que o pensamento de Heidegger não sofreu uma mudança de perspectiva, ao contrário, estamos atentos para o fato de que na “primeira fase” o centro das investigações acerca do sentido do ser em geral era o *Dasein*:

O ser-aí seria um ente existencial, que não está simplesmente contido no mundo, mas que é constituído de “mundanidade”. Explicar a “mundanidade”, bem como os outros modos de ser do ser-aí, é o objetivo da chamada “analítica existencial do ser-aí”, empreitada realizada em *Ser e tempo*. Realizando tal analítica seria possível se posicionar, ou preparar o solo para a questão acerca do ser [dos entes] em geral, ou seja, buscar uma “ontologia fundamental de onde todas as demais podem originar-se. (LOPES; ROCHA, 2017, p. 25-26)

O ser-aí é o ente privilegiado a ser investigado em *Ser e Tempo*. Segundo Heidegger (2005), a tarefa da analítica existencial era investigar as estruturas existenciais do ser deste ente. Esse é, em outras palavras, o projeto fundamental de *Ser e Tempo*: analisar os modos de

ser do *Dasein* no horizonte do tempo, a fim de compreendê-lo em suas estruturas mais originais - projeto tal conhecido como ontologia fundamental que

[...] distingue o homem dos outros entes pela compreensão do ser que constitui a sua conduta, a partir da situação fáctica em que se encontra. Situação fáctica designa a iniludível carga afetiva pela qual, nunca indiferente, sempre sentindo deste ou daquele modo, o homem, independentemente de qualquer pressuposto extrínseco na maneira de concebê-lo – dotado de natureza racional ou criado à imagem e semelhança de Deus -, existe imerso no meio do ente. Sob esse aspecto constitutivo da conduta humana, o imergir, que nos põe em relação com entes de outra espécie – tais como coisas manejáveis (úteis), à nossa disposição, e coisas-à-vista, diante de nós, intermediadas pelas anteriores, e sob as quais se molda o conceito de ser natural -, tem sua contraparte no projetar, que nos permite transcender os entes na direção do mundo. (NUNES, 2016, p. 17)

A proposição de Nunes (2016) faz uma curta e precisa explanação de como Heidegger desenvolve e pensa a sua ontologia fundamental em *Ser e Tempo*, isto é, em volta da carga filosófica que o termo *Dasein* possui. Pois, na ontologia fundamental o *Dasein* é compreendido existencialmente e ontologicamente; sendo assim, os existenciais deste ente que nós mesmos somos é entendido por Nunes (2016) a partir de sua facticidade. Ora, nela, somos sempre tocados pelo mundo, pois, a iniludível carga afetiva coloca-nos em uma situação fáctica de nunca estar indiferente diante das coisas. Ou seja, facticamente, o mundo nos toca e nos impele a interrogar pelo que o mundo é e o pelo que nós mesmos somos.

A partir desses apontamentos, é possível dizer que em *Ser e Tempo* as investigações de Heidegger apoiaram-se nos procedimentos fenomenológicos para apreender as estruturas existenciais do *Dasein* e essa seria sua primeira fase: a fase da fenomenologia-hermenêutica.

A segunda fase, chamada por Benedito Nunes de fase da fenomenologia epocal ou hermenêutica epocal, é, como já foi dito anteriormente, um outro momento de Heidegger que, apesar de significar uma mudança de perspectiva acerca do ser, não significa, porém, um abandono da questão que norteou *Ser e Tempo*, ao contrário, o pensamento de Heidegger continua norteado pela pergunta sobre o ser em geral, conforme segue:

Heidegger, na Carta sobre o humanismo, atribui esse novo aspecto de sua investigação a uma insuficiência da linguagem da tradição, que limitou o objetivo de seu pensamento. Portanto, pode-se concluir que mesmo com uma mudança de rumo, o questionamento central de Heidegger permanece uno e se preserva mesmo no Heidegger tardio. A visada sobre a questão ontológica fundamental se apresenta, assim, por caminhos diversos. Portanto, podemos chegar à conclusão de que a questão do sentido do ser também se encontra nos textos nos quais Heidegger trabalha a questão da técnica e da ciência moderna, quais sejam: “A questão da técnica”, “Ciência e pensamento do sentido”. Estes textos nos proporcionam um



horizonte de interpretação que pode ser obtido em face da ciência moderna, possibilitando o estudo de seu estatuto ontológico e localizando-a como um modo de pensar humano. Verificar o estatuto ôntico-ontológico da técnica e da ciência moderna significa interpretar tais modos de pensar de forma originária, que se dá antes de qualquer constatação sobre a possibilidade de autoaniquilação da espécie humana, ou sobre qualquer uso ou resultado que possa ser constatado de tais aspectos constitutivos do homem moderno. (LOPES; ROCHA, 2017, p. 27)

A partir da constatação acima, fica evidente o seguinte: a pesar da conveniência de se separar o pensamento de Heidegger em dois, a saber: “Heidegger I” e “Heidegger II”, o filósofo continuou *uno* no que é tangencial ao questionamento do ser, ou à questão do sentido do ser em geral. Isso porque, segundo Lopes e Rocha (2017), a mudança de “rumo” promovida por Heidegger não representou uma ruptura consigo mesmo, ou com o seu objetivo em *Ser e Tempo*. Sendo assim, “novos rumos” significam: novas ferramentas de investigação, isso se levarmos em consideração a insuficiência da linguagem que limitou as investigações acerca do ser em *Ser e Tempo*.

Assim, portanto, a segunda evidência observada a partir de Lopes e Rocha é a fidelidade do pensamento heideggeriano à questão do ser. Pois, mesmo com a mudança de rumo, o interrogado na investigação heideggeriana ainda é o ser, porém com uma observação importante: o ser não seria mais investigado pelo ponto de vista da analítica existencial, e sim através da manifestação epocal e histórica; significando, assim - conforme Batista (2017) -, uma mudança de sentido que parte do existencial para o historial.

Retomando Nunes (2012), podemos constatar a presença da questão do ser nos dois momentos do pensamento de Heidegger. Ora, em ambos os momentos a fenomenologia, quer hermenêutica do *Dasein*, quer hermenêutica epocal, busca trazer à luz as manifestações do ser, isto é, o retrair e o contrair do ser que se configura em um duplo movimento manifestativo.

Nessa perspectiva, Nunes (2012, p. 228) diz:

Dado esse movimento de retração, a sucessão das *epoché* assinala uma escala no tempo, que não mais deriva da temporalidade do *Dasein*. O tempo é o tempo das retrações, em cujo âmbito, sempre deficitário em relação ao ser, se desenrola a gesta temporal do *Dasein*. Assim, será preciso requalificar as épocas históricas pela suspensão ontológica que as delimita, e que possibilita, para cada uma delas, na base de uma prévia compreensão do ser, conceituar o homem e escrever a história.

A questão do sentido do ser ainda é o combustível das investigações de Heidegger, seja em qualquer de suas fases. Mas, se ainda se faz necessário um esclarecimento quanto a



isso, poderíamos apontar o seguinte: o duplo movimento de manifestação do ser pode ser considerado como aquilo que norteia a fenomenologia heideggeriana em qualquer momento de seu pensamento. Desse modo, o duplo movimento não só permite que a fenomenologia avance enquanto método predominante nas investigações ontológicas do ser, como, também, é, justamente, o fato de o ser retrair-se e contrair-se que possibilita os dois “Heideggers”, como isso é possível?

Em *Ser e Tempo*, Heidegger deixa claro a fenomenologia não se configura como um método. Ou seja, Heidegger não é tendencioso ao empreender suas indagações sobre o ser, isto é, o objetivo de filósofo nunca foi desenvolver representações do ser, ou levantar teorias sobre o ser a partir de um aspecto epistemológico – como aconteceu na tradição. Heidegger, ao contrário disso, lançou-se e debruçou-se sobre questão do sentido do ser, permitindo que ela o guiasse em seu próprio caminho. (HERRMANN, 2003, p. 160)

Sob esse prisma, a questão do sentido do ser levou Heidegger pelo caminho do próprio ser. Isso no sentido de que Heidegger investiga o ser deixando-o manifestar-se enquanto tal, em obediência à máxima fenomenológica: voltar as coisas elas mesmas. Assim, fenomenologicamente, o papel de Heidegger é descrever o modo em que o ser se manifesta (quer na hermenêutica do *Dasein*, quer na hermenêutica epocal). Para compreender como isso dá-se, vejamos uma breve definição do método de Heidegger:

A expressão “fenomenologia” diz, antes de tudo, um conceito de método. Não caracteriza a quiddidade real dos objetos de investigação filosófica mas o seu modo, como eles o são. Quanto maior a autenticidade de um conceito de método e quanto mais abrangente determinar o movimento dos princípios de uma ciência, tanto maior a originalidade em que ele se radica numa discussão com a coisa em si mesma e tanto mais se afastará do que chamamos de artifício técnico, tão numerosos em disciplinas teóricas. (HEIDEGGER, 2005, p. 57)

A máxima que fundamenta a fenomenologia consiste em uma aproximação não tendencial entre o método/filosofia que investiga e o ente investigado. E sinaliza que não há pressuposto acerca daquilo que é tomado em sua investigação. Nesse sentido, a fenomenologia não imprime valor à coisa investigada, ou seja, Heidegger ao proceder fenomenologicamente em suas investigações acerca do ser, não age de forma predeterminada como se houvesse um padrão determinista para aplicar ao ser. Em outras palavras: Heidegger não se achega ao ser para comprovar uma possível teoria que, de modo prévio à investigação, buscasse enquadrar o ser ao seu planejamento.



Sobre o proceder fenomenológico diante da coisa investigada, é importante lembrar que Heidegger fundamenta sua fenomenologia-hermenêutica a partir da ideia metódica fundada por Husserl. Conforme consta:

Heidegger desenvolve seu método preliminar [*Vorbergriff*] da fenomenologia hermenêutica do *aí-ser*. Na medida em que a hermenêutica do *aí-ser* é *fenomenologia*, ela parte da ideia metódica da fenomenologia fundada por Husserl, que se anuncia no princípio de todos os princípios e na máxima <<voltar às coisas mesmas>>. Mas na medida que a fenomenologia do *aí-ser* é *hermenêutica*, demarca-se da fenomenologia de Husserl, que se move dentro dos actos da reflexão. Apenas se pode compreender o parágrafo metodológico de *Ser e Tempo* nas suas intenções mais profundas a partir duma ligação e dum confronto com a fenomenologia reflexiva de Husserl. (HERRMANN, 2003, p. 158)

Nesse caso, quando se trata do princípio do método fenomenológico, o procedimento é o mesmo tanto para Heidegger, quanto para Husserl. Sendo assim, a fenomenologia enquanto método investigativo que visa as coisas elas mesmas, movimenta-se a partir de

[...] um juízo onde não há a necessidade de adequar a apresentação da coisa a algo externo a sua própria apresentação, pois esta se mostra de maneira auto-evidente, sem ser preciso recorrer a nada além dela mesma para sua verificação, pois no próprio ato de concepção da coisa já está implicada a impossibilidade da sua não existência. (MISSAGGIA, 1997, p. 136)

A fenomenologia não recorre à teorias que tentam antecipar ou determinar o valor das coisas, mas tão somente deixa que a própria coisa mostre-se de acordo com aquilo que ela mesma é, ou seja, a definição de fenomenologia seria: deixar ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo. Está claro, então, que a partir do proceder fenomenológico Heidegger apenas descreve o modo originário em que o ser se manifesta a partir de si mesmo e como ele mesmo é e acontece. Assim, é compreensivo dizer que o ser conduziu Heidegger.

Isso estando claro, o segundo momento do pensamento de Heidegger é descrito como um resultado inevitável do caminho em que o próprio ser conduziu as investigações de Heidegger. Por outro lado, é totalmente justificável que sua investigação possuísse dois momentos, da mesma forma, equiparados ao modo em que o ser se dá. Assim, compreende-se que na hermenêutica do *Dasein*, há uma espécie de manifestação do ser, a partir da analítica existencial e de como Heidegger recoloca a questão do ser direcionando-a ao ser-*aí*. Isso seria



uma forma de manifestação/desvelamento do ser. Já na hermenêutica epocal, percebe-se, a partir de Nunes (2012), uma retração do ser nas épocas.

Assim, quando Nunes (2012) diz que a *epoché* “assinala uma escala no tempo” que não deriva mais do *Dasein*, ele não se refere à uma ruptura do pensamento heideggeriano consigo mesmo, isso não deve ser visto desta forma. A mudança de “rumo”, pensa-se, aqui, é, antes, uma clara evidência do revelar-se e velar-se do ser; ditando, assim, os dois momentos de sua forma, ou modo de manifestar-se.

Nesse caso, a fenomenologia epocal seria uma necessária forma metodológica de exprimir do ser sua outra maneira de manifestação, a manifestação/retração epocal. E, como Nunes (2012, p. 228) disse: “, será preciso requalificar as épocas históricas pela suspensão ontológica que as delimita, e que possibilita, para cada uma delas, na base de uma prévia compreensão do ser, conceituar o homem e escrever a história”.

Uma vez estando claro que a questão do sentido do ser não foi abandonada, apesar das mudanças de rumos e de ferramentas, devemos, agora, demonstrar que a técnica é o acabamento da metafísica, mas que, porém, é o modo de se compreender a dupla manifestação do ser.

2. 2 A superação da metafísica e a técnica como sua superação máxima

O fim da metafísica não pode ser confundido com a superação da metafísica, pois o termo fim não significa neste contexto finalização, o termo fim significa, sobretudo, acabamento (*Vollendung*). E com acabamento se quer dizer “[...] o acabamento da metafísica nas ciências tecnizadas e em que medida esse acabamento seria o ponto de partida para uma nova forma de dizer e pensar o Ser.” (FERREIRA JÚNIOR, 2001, p. 103) Mesmo estando claro que, quer no primeiro momento do pensamento de Heidegger, quer no segundo, há sempre um diálogo/embate com a metafísica e sua história ou o seu legado. Nesse sentido, analisaremos as especificidades e a intenção de cada diálogo empreendido por Heidegger à metafísica, a fim de estabelecer uma distinção entre o termo superação e o termo fim. Nosso objetivo, com isso, é esclarecer o trato de Heidegger com a metafísica, seja para superá-la



enquanto tarefa presente no pensamento heideggeriano como um todo, ou para compreendê-la a partir da técnica/ciência moderna.

Em *Ser e Tempo* já é possível vislumbrar aspectos que evidenciam o caráter de superação da metafísica a partir do diálogo estabelecido por Heidegger à tradição. Pois, à primeira vista, o diálogo possuía o objetivo de uma desconstrução, portanto, o diálogo dava-se com a tradição e seu legado entendido como o esquecimento do ser; pois, a história da metafísica é o mesmo que o esquecimento do ser (HENRIQUES, 2013). Ora, se o que a metafísica lega ao *Dasein* é uma compreensão de mundo e de si comprometidos pelo esquecimento do ser, logo, superar a metafísica seria equivalente à superar o seu legado. Nesse sentido, fica notório o caráter do diálogo de Heidegger com a metafísica, assim como o seu objetivo de desconstruir seus pressupostos já em *Ser e Tempo*:

Em *Ser e tempo*, por sua vez, não encontramos uma leitura do fim da metafísica como essa realização de sua extrema possibilidade. Mas uma defesa da necessidade de superar as suas determinações tradicionais, por ter desconsiderado e escamoteado a questão do ser. (DE JESUS, 2018, p. 74)

Superar as determinações históricas seria o mesmo que desconstruir a herança histórica deixada pela tradição ao *Dasein*. Por isso, em *Ser e Tempo* o diálogo com a metafísica existe, porém, não como fim, e sim como superação. Então não seria possível defender que já exista uma sinalização da realização técnica da metafísica na obra máxima de Heidegger.

À primeira vista, essa defesa poderia parecer pertinente, se entendêssemos o “fim da metafísica” como sinônimo de sua proposta de superação. Contudo, se considerarmos as diferenças da proposta de superação da metafísica presentes nas duas fases da filosofia de Heidegger, perceberemos que nos escritos sobre a técnica a consumação do fim da metafísica ainda não é a superação de suas determinações. Mas, ao contrário, a sua máxima expressão. (DE JESUS, 2018, p. 74)

A partir desta proposição alguns entendimentos nos vêm à tona. Em primeiro momento deve-se perguntar: superação e fim, afinal, fazem referência ao mesmo movimento desconstrutivo de Heidegger? Ao que parece, segundo De Jesus (2018), não! Pois, a proposta de superação estaria mais ligada a um movimento de pretensões pós-tradição em seus limiares do que em uma consumação técnica. Nestes termos, a superação pode ser entendida como um passo de volta à essência da metafísica. Isso exige uma pergunta: como retornar à essência da metafísica seria uma forma de superá-la? Com isso não estaríamos indo em



direção àquilo que é metafísico por excelência? Para compreendermos isso, vamos acompanhar o que diz Heidegger (2010, p. 61):

A superação da metafísica não significa, de forma alguma, a eliminação de uma disciplina no âmbito da “formação” filosófica. Como destino da verdade dos entes, ou seja, da entidade, já se pensa a “metafísica” *como* um dar-se e acontecer que se apropria, de maneira ainda velada, mas decisiva, do esquecimento do ser.

Heidegger dá uma breve definição do que é a metafísica, ele diz que ela é o destino da verdade dos entes que se apropria do esquecimento do ser. Ou seja, a metafísica é o âmbito filosófico que tenta explicar a realidade dos entes a partir de uma concepção velada do ser, isto é, a metafísica é a história do esquecimento do ser. Por isso, segundo Henriques (2013), ela precisaria entrar em crise, para que, assim, talvez, sua verdade enquanto uma forma de verdade do ser, fosse estudada e conhecida mais profundamente.

Sendo assim, já estamos diante de um caminho que esclareça o que será a superação da metafísica. No texto *A Superação da Metafísica*, Heidegger (2010) pensa a metafísica como algo que não se pode deixar para trás como se ela fosse uma doutrina em que não se acredita mais ou que simplesmente caiu em desuso. Isso nos dá um breve apontamento de como então ela poderia ser superada. Heidegger (2010, p. 62) diz mais sobre a prevalência da metafísica: “Sendo assim, não devemos imaginar, como se num pressentimento qualquer, que podemos ficar de fora da metafísica. Depois da superação, a metafísica não desaparece. Retorna transformada e permanece no poder como a diferença ainda vigente entre ser e ente.”

A superação da metafísica, então, não significa deixá-la para trás, nem, tampouco destruí-la enquanto um âmbito do conhecimento humano. Para Heidegger, mesmo após sua superação, ela vigorará como retentora da diferença entre ser e ente. O que seria, no entanto, a sua superação, afinal? Heidegger nos dá outro apontamento do que seria superar a metafísica dentro dos termos acima expostos. No texto *A Constituição Onto-teológica da Metafísica*, ele expõe o seu método investigativo nomeando-o como “o passo de volta”. Segundo Heidegger (1989, p. 390), o passo de volta “[...] aponta para o âmbito, até aqui saltado, a partir do qual a essência da verdade se torna, antes de tudo, digna de ser pensada.” Nesse sentido, o passo de volta

[...] não significa um passo isolado do pensamento, mas uma espécie de movimento do pensamento em um longo caminho. Na medida em que o passo de volta determina o caráter do nosso diálogo com a história do pensamento ocidental, o



pensamento conduz, de certo modo, para fora do que até agora foi pensado na filosofia. O pensamento recua diante do seu objeto, o ser, e põe o que foi assim pensado num confronto, em que vemos o todo desta história, e, na verdade, sob o ponto de vista daquilo que constitui a fonte de todo este pensamento[...]. (HEIDEGGER, 1989, p. 390)

O passo de volta determina o caráter do diálogo entre Heidegger e a tradição, mas ele diz mas que isso: o passo de volta seria uma espécie de movimento que retorna à história do pensamento ou ao pensamento já pensado para pensar aquilo que foi ocultado pelo esquecimento do ser. Em outras palavras, o passo de volta é um movimento que volta ao objeto do pensamento, o ser, para superá-lo enquanto determinação histórica da metafísica. Assim, todo movimento metodológico de Heidegger a partir de seu diálogo com a tradição é um movimento de superação.

Isso significa corrobora com o que foi visto sobre a impossibilidade de deixar a metafísica de lado como uma doutrina obsoleta, pois o passo de volta, antes de movimentar-se para fora do pensamento filosófico tradicional, ele precisa entrar nesse pensamento, para, somente depois, adentrar em sua essência ou sua verdade. “O passo de volta, portanto, se movimenta para fora da metafísica e para dentro da essência da metafísica.” (HEIDEGGER, 1989, p. 391)

O passo de volta é a possibilidade de atingir a essência/verdade da metafísica, sinalizando um movimento que parte do pensado ao impensado. Ou seja, parte do que a filosofia e sua história legaram (o esquecimento do ser) ao impensado, ou aquilo que se logra ao atingir a essência da metafísica. Sendo assim, já estamos diante dos apontamentos finais deste artigo, pois, o pensamento filosófico enquanto história do ser é o mesmo que a história do esquecimento do ser, logo, a superação da metafísica clareia-se enquanto superação do esquecimento do ser, conforme diz Heidegger (1989, p. 391):

O passo de volta vai do impensado, da diferença enquanto tal, para dentro do que deve ser pensado. Isto é o *esquecimento* da diferença. O esquecimento a ser aqui pensado é o velamento da diferença enquanto tal, pensado a partir da *lêthe* (ocultamento), velamento que por sua vez originariamente se subtrai. O esquecimento faz parte da diferença porque esta faz parte daquele. [...] A diferença de ente e ser é o âmbito no seio do qual a metafísica, o pensamento ocidental em sua totalidade essencial, pode ser aquilo que é.

Assim, o que deve ser superado na metafísica é o âmbito de sua essência, ou o velamento do ser. Nesse caso, duas coisas nos vêm à tona, e servem como pontos finais deste



artigo, a saber: se o que devemos superar na metafísica é aquilo que ela lega enquanto âmbito da verdade do ente ao atingirmos o impensado, ou seja sua essência; logo, então, devemos esclarecer o que seria a sua essência? A resposta dessa pergunta finaliza nosso debate, pois, para Heidegger, a essência da metafísica, ou seja, seu ser mais próprio é a técnica, conforme segue:

Ora, o passo de volta da metafísica para dentro de sua essência exige uma duração e perseverança cuja medida nós não conhecemos. Somente uma coisa está bem clara: o passo carece de uma preparação que deve ser tentada aqui e agora: isto, entretanto, em face do ente enquanto tal em sua totalidade, como agora é e como rapidamente e de maneira mais inequívoca começa a mostrar-se. O que agora é vai sendo caracterizado pela dominação da essência da técnica moderna, dominação que se apresenta em todas as esferas da vida, através de múltiplos sinais que podem ser nomeados: funcionalização, perfeição, automatização, burocratização, informação. Assim como chamamos a Biologia a apresentação do que é vivo, assim pode ser chamada Tecnologia a apresentação e aperfeiçoamento do ente perpassado pela essência da técnica. [...] O passo de volta da metafísica para dentro da essência da metafísica, visto a partir dos dias atuais e assumido a partir de sua compreensão, é o passo da Tecnologia e da descrição e interpretação tecnológicas da nossa era para dentro da essência da técnica moderna que ainda deve ser pensada. (HEIDEGGER, 1989, p. 391)

O passo de volta, então, dá-nos a indicação do que é a superação da metafísica e o que é o seu fim. Assim, o que deve ser superado é a metafísica tanto enquanto esquecimento ou velamento do ser, quanto aquilo que ela se tornou, a técnica moderna. Quando Heidegger diz que a técnica moderna ainda deve ser pensada, podemos entender essa proposição a partir do passo de volta. Assim, se o passo de volta nos permite pensar a essência da metafísica que é a técnica moderna, logo, o que deve ser pensado, também, é a essência da técnica. Ora, não é tema deste artigo a questão da técnica, entretanto, a técnica como fim da metafísica nos remete, segundo Heidegger, aos dias atuais, assim, o projeto de superação da metafísica ainda está em voga, pois, a técnica moderna é a sua realização.

Devemos, portanto, dizer que o fim da metafísica é a técnica, e o fim está mais para um entendimento de transformação do que um entendimento finalizante ou eliminador. O fim, então, deve ser entendido como resultado do legado metafísico que dá início a era moderna. Ora, a “[...] era moderna consiste em um envio histórico do esquecimento do ser no qual a verdade do ente na totalidade se encontra fundamentada no *cogito* que representa e calcula os entes como objetos, assegurando-se da disponibilidade previsível sobre todo o real.” (NETO, 2018, p. 279) À era moderna atribuiu-se sempre a ciência moderna, entretanto, tanto a



ciência moderna quanto a técnica são provenientes da metafísica, pois, Heidegger teria percebido “[...] que a história da metafísica, ao adentrar na era da técnica, começa a caminhar para a consumação de seu fim. É chegado o momento em que a filosofia se converte em ciência e técnica”. (DE JESUS, 2018, p. 89)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou expor como a metafísica converteu-se, nos dias de hoje, na era da técnica ou ciência moderna. Nesse caso, para alcançar tal fim, foi necessário traçarmos um parâmetro introdutório indicando qual seria o legado metafísico deixado ao homem; para, com isso, tentar compreender como a metafísica teria se convertido na proveniência da era da técnica. Nesse sentido, levantou-se o debate acerca do esquecimento do ser, pois, para Heidegger, a história da metafísica é a história do esquecimento do ser em prol do ente. Assim, atribuiu-se à história da metafísica o velamento do ser. Tal velamento foi compreendido e debatido a partir da desobstrução da questão do sentido do ser em geral por Heidegger em *Ser e Tempo*.

A questão do ser nos diz exatamente como a metafísica foi o âmbito do conhecimento responsável pelo velamento do ser. Isso porque nela a pergunta pelo ser foi confundida pela pergunta pelo ente, assim, cada vez mais os questionamentos metafísicos buscaram na entilização do ser; que pode ser entendido como o esquecimento da diferença entre ser e ente, atribuir sentido à realidade. Assim, o primeiro momento deste artigo tentou demonstrar como na metafísica o ser foi trivializado e escamoteado a partir da busca cada vez mais decisiva do ente enquanto tal.

Uma vez esclarecido que o velamento do ser se deu no âmbito da metafísica e seus pressupostos, o segundo momento deste artigo serviu como complemento ao momento anterior, pois, foi debatido, no primeiro momento, a formação metafísica da compreensão do homem enquanto ser histórico, mas que, estava completamente comprometido pelo legado da metafísica, e, portanto, necessitava ser desconstruído, tarefa proposta por Heidegger ainda em *Ser e Tempo*. Seguindo essa linha argumentativa, o segundo momento deste trabalho surgiu como complemento, pois, a necessidade de desconstrução das determinações históricas



engendradas na metafísica; assim como a desobstrução e recolocação da questão do sentido do ser, apontam para uma necessidade de superação da própria metafísica, mas não apenas isso, apontam, também, para o fim da metafísica a partir do segundo momento do pensamento de Heidegger nomeado por Benedito Nunes como hermenêutica epocal.

Na hermenêutica epocal, segundo Nunes (2012), Heidegger busca a verdade do ser a partir de sua manifestação nas épocas. Nessa perspectiva, a técnica seria a abertura para se pensar o ser nesta atual constelação de ser e ente. À discussão subsequente, ficou a tarefa de demonstrar como a técnica seria o fim ou expressão máxima da metafísica. Assim, tal constatação foi possível através da descrição do método do passo de volta de Heidegger. Que se configura como um retorno ao pensamento metafísico para alcançar a sua essência. Nessa perspectiva, o passo de volta permitiu a compreensão tanto da expressão “superação da metafísica”, quanto da expressão “fim da metafísica”, pois, se o passo de volta foi descrito como a possibilidade de pensar o impensado a partir do já pensado, e, segundo Heidegger, o impensado seria a verdade ou essência da metafísica. Logo, então, temos um movimento dinâmico que volta para a metafísica, para, em seguida, sair dela (isso significa o seu fim) em direção a sua essência, entendida por Heidegger como a era da técnica.

Dizer, portanto, que a metafísica se transforma na técnica é explicar o termo fim. Entretanto, compreender que após seu fim perdura o seu legado a partir da era da técnica moderna é admitir a necessidade de sua superação. Em outras palavras: se o fim da metafísica é a revelação de sua essência, e sua essência é a técnica, fica entendido que a metafísica prevalece enquanto técnica, por isso, a necessidade de superá-la. Essas constatações justificam a nomeação da era da técnica moderna como atual abertura de manifestação e retração do ser.

Por essa razão, a técnica foi descrita como uma evidência do modo em que o homem se compreende na era moderna; foi, também, tida como uma abertura possível do ser do homem, assim, como foi determinada e entendida como o resultado consumidor de toda tradição metafísica. Nesse caso, dir-se-ia que se o Heidegger II se configura em um momento em que o filósofo de *Ser e Tempo* busca o ser a partir de uma fenomenologia que dimensiona o ser através das épocas e, a partir dos tempos históricos, reescrever a ideia de homem. Logo, então, todos os olhares devem ser direcionados para esta atual constelação de ser e homem,



que se significa, interpreta-se e compreende-se na era da técnica. Ou seja: a dominância da técnica nos indica, com clara evidência, que uma interpretação fenomenológica epocal do ser só pode acontecer através da compreensão da técnica com fim da metafísica.



REFERÊNCIAS

COCCO, R. “A questão da técnica em Martin Heidegger.” *Controvérsia (UNISINOS)*-ISSN 1808-5253, v. 2, n. 1, p. 34-54, 2006.

BATISTA, J. “HEIDEGGER, Martin. Contribuições à filosofia: do Acontecimento apropriador.” *Revista Estudos Filosóficos*, n. 15, 2017.

CRITELLI, D. *Martin Heidegger e a essência da técnica*. Margem, São Paulo, v. 16, p. 83-89, 2002.

DRUCKER, C. BRAIDA, C. “Ernilo Stein 2000: Diferença e meta-física—ensaios sobre a desconstrução.” Porto Alegre, *EDIPUCRS*. ISBN: 85-7430-160-4. *Natureza Humana*, v. 3, n. 2, 2001.

FERREIRA JR, Wanderley. *Heidegger: a questão da técnica e a superação da metafísica*. 2001. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Departamento de Filosofia, Unicamp.

GUIMARÃES, C. R. “Heidegger e a excelência da questão do ser.” In: LIMA, ABM. Org. *Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty*. Ilhéus, BA: Editus, 2014, pp. 51-75.

HERRMANN, F. V. “A idéia de fenomenologia em Heidegger e Husserl: fenomenologia hermenêutica do aí-ser e fenomenologia reflexiva da consciência.” Tradução de P. Sobral Pignatelli. Coordenação científica, anotação e revisão da tradução de Irene Borges-Duarte. In: *Separata da revista Phainomenon*, v. 7, p. 157-194, 2003.

HEDEGGER, M. *Que é isto – a Filosofia?* Trad. Ernildo Stein, São Paulo, Abril Cultural. 1973.

_____. M.,. *Conferências e escritos filosóficos/ Martin Heidegger*, tradução e notas Ernildo Stein. - São Paulo: Nova Cultural; 1989.

_____. *Ser e Tempo*. Trad. bras. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. M. *A superação da metafísica*. In: *Ensaio e conferências*. 6. ed. Trad. de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, p. 61-86, 2010.

HENRIQUES, R. P. “Tecnologia e superação da metafísica em Heidegger.” *Perspectiva Filosófica*, Recife, v. 1, n. 39, p.10-26. 2013

DE JESUS, A. Costa Gomes. “HEIDEGGER E O FIM DA METAFÍSICA.” *Revista Ideação*, v. 1, n. 38, p. 73-97, 2018.

LOPES, T. J. C.; ROCHA, F. L. Ciência, técnica e pensamento em Heidegger. *Cadernos Zygmunt Bauman*, v. 7, n. 14, 2017.



LYRA, E. “Superação da metafísica, realidade técnica e espanto.” *Natureza humana*, v. 5, n. 1, p. 95-127, 2003.

MISSAGGIA, J. “Heidegger e a transformação da fenomenologia: a aproximação da hermenêutica e o afastamento de Husserl.” *Ágora Filosófica*, v. 1, n. 1, p. 135-148, 2015.

NETO, R. R. A. “HEIDEGGER E A ÉPOCA DA METAFÍSICA CONSUMADA: CIÊNCIA, TÉCNICA E MODERNIDADE.” *Revista Poiesis*, v. 16, n. 1, p. 228-246, 2018.

NUNES, B. “História e ontologia (da essência da técnica).” *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, v. 1, n. 1, 2012.

_____. B. *Heidegger/Benedito Nunes*; organização e apresentação Vitor Sales Pinheiro. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

VANIN, A. “A DESTRUIÇÃO DA METAFÍSICA, TÉCNICA E SER EM HEIDEGGER.” *Revista Cultura E Fé*, v. 38, n. 148, 2015.

STEIN, E. *Diferença e metafísica: ensaios sobre a desconstrução*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

SCHIOCHETT, D. “A metafísica como a Essência do Homem em Heidegger.” *Pensando-Revista de Filosofia*, v. 6, n. 11, p. 327-340, 2015.

Recebido: 15/03/2024

Aprovado: 02/07/2024